

Leituras Crí ti cas

ALONSO, C.P., SILVA, F.M. (ORG. E ESTUDOS INTRODUTÓRIOS)
(2015). *POESIA E PROSA – JUDITH TEIXEIRA. DOM QUIXOTE.*
LISBOA. 370 PP.

EDSON SANTOS SILVA

MARTINS, HERMÍNIO (2018). *REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS
DE RÉGIME EM PORTUGAL NO SÉCULO XX: UM ESTUDO
TRANSCRONOLÓGICO E TRANSNACIONAL.*

(ED. E TRAD. DE RUI GRAÇA FEIJÓ). ICS. LISBOA. 421 PP.

CARLOS LEONE

JORGE, LÍDIA (2019). *O LIVRO DAS TRÉGUAS.*
DOM QUIXOTE. LISBOA. 104 PP.

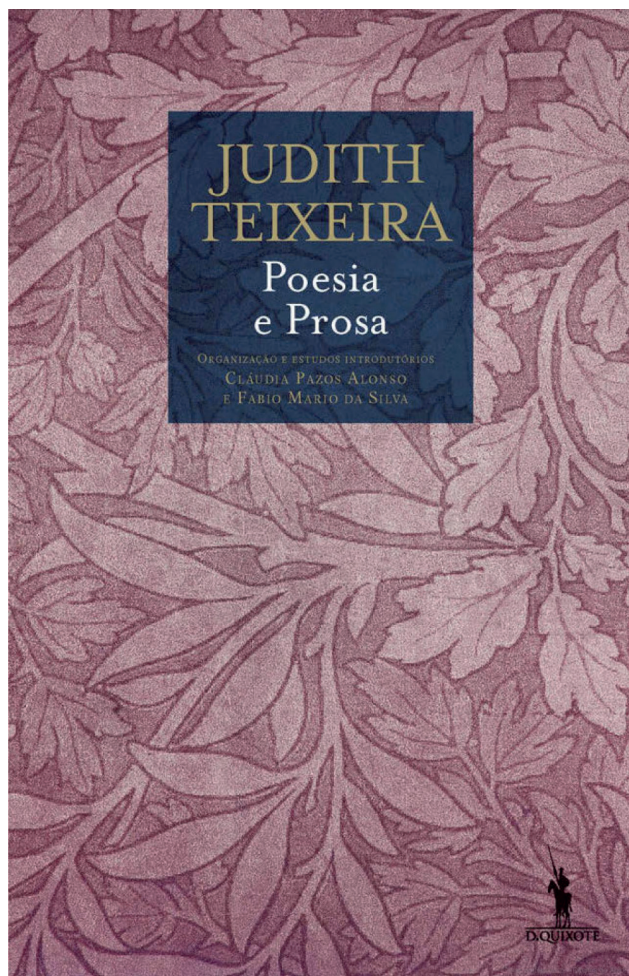
GABRIELA SILVA

SILVA, FABIO MARIO DA (2021). *MEMORIAL DO (DES)AMOR.*
WDIMERON. CARUARU. 77 PP.

NEFATALIN GONÇALVES NETO

**Alonso, C.P., Silva, F.M. (org. e estudos introdutórios) (2015).
*Poesia e prosa – Judith Teixeira. Dom Quixote. Lisboa. 370 pp.***

EDSON SANTOS SILVA¹



O alentado volume *Poesia e prosa – Judith Teixeira*, com organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fábio Mario da Silva, traz pela primeira vez aos leitores, além das obras publicadas em vida, uma série de inéditos da escritora que, dentre outros enfrentamentos, lutou por meio de sua poesia e sua prosa para que as mulheres, no geral, e, de modo particular, a mulher portuguesa deixassem de ser objeto naquela sociedade patriarcal e, dessa forma, superar o silenciamento a elas imposto.

A obra está dividida, de forma, em duas partes. A primeira é dedicada à poesia e a segunda à prosa; em cada uma dessas partes, o leitor encontrará dois extraordinários estudos introdutórios.

¹ Professor Associado de Literatura Portuguesa na UNICENTRO/Irati/PR, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5921-7883>.

Na parte dedicada à poesia, os estudos introdutórios, a começar pelo título, já preparam o leitor para alguns pontos importantes que não podem e não devem passar despercebidos. «Judith Teixeira: um caso modernista insólito» situa a produção da autora: em 1923, o lançamento de dois livros de poesia, *Castelo de sombras* e uma nova edição de *Decadência*; em 1925, a criação de uma revista intitulada *Europa* e a coletânea *Nua* e, nesse mesmo ano, uma conferência intitulada *De mim*; e, em 1927, as novelas de *Satânia*.

O primeiro estudo introdutório traz ainda algumas informações importantes, como o fato de Judith Teixeira fazer parte de um grupo de escritores composto por ela, António Botto e Raul Leal, considerados «malditos» devido ao conteúdo *queer* dos seus textos, justamente no período em que a questão da modernidade era assunto de proa entre a intelectualidade lusitana. Por fazer parte da «literatura de Sodoma», Judith Teixeira e sua primeira obra, *Decadência*, passaram a ser vistas como abjeções, resultando na apreensão de sua primeira coletânea de poemas, além de a autora passar a ser considerada «marginalizada» e se tornar «bode expiatório para a desordem social coletivamente imaginada» naquela ocasião, a década de 1920. Essa marginalização que se espalha da pessoa para a obra se deve ao fato de haver, na sua poesia, «um subtexto lésbico nem sempre disfarçado». A questão do reconhecimento tardio da obra da escritora põe

em relevo ao menos dois pontos que precisam ser discutidos, ainda que de forma breve:

1. a certeza de que a literatura portuguesa era (?) misógina, patriarcal e ladeada de preconceito; basta recordar como Teixeira de Pascoaes se referia a António Nobre: «a maior poetisa portuguesa»;
2. a importância dessa nova edição, por meio de uma expressiva editora, Dom Quixote, que apresenta cerca de vinte poemas inéditos, contidos num caderno manuscrito, bem como uma conferência datilografada desconhecida, denominada *Da saudade*.

Judith Teixeira, num ato de «livre amorosidade», estabelece com alguns dos seus pares, os escritores, dentre eles Fernando Pessoa, um diálogo fecundo. À guisa de exemplo, pode-se aproximar o poema pessoano «Antinous» do poema juditianiano «A minha amante». Se em Pessoa era apresentado o tema do homoeerotismo masculino, Judith Teixeira, num ato de ousadia para a época, muda a perspectiva para o amor feminino, o que se evidencia pela dupla função do possessivo do título do poema: posse e alvo do eu-lírico. A preferência pelo verso livre a aproxima de poetas como Álvaro de Campos e José Régio, e do ponto de vista da estilística não há dúvidas de que ela dialoga com Mário de Sá-Carneiro, sobretudo quando interrompe «graficamente o fluxo do discurso com a inserção de uma linha de reticências» (Alonso, 2015: 30). Com o poeta

Afonso Duarte, o diálogo se dará por meio do *topos* das estátuas, um dos *leitmotif* dos versos juditianos: «Lindo/Mármore precioso/é que estava pedindo meu sexo», afirma Afonso Duarte. Já em Judith, o eu lírico, ao dirigir-se à estátua de Bizâncio, diz: «És linda assim: toda nua, no mínimo doce/em que me trazes/a clara oferta do teu corpo/e reclamas firmemente/a minha posse!... Judith Teixeira» (Teixeira, 2025: 32).

O segundo estudo introdutório tem como título «Um caderno com poemas inéditos de Judith Teixeira: apresentação e conclusões preliminares». A novidade do achado reside em treze poemas inéditos, publicados pela primeira vez nessa coletânea. A riqueza do material extrapola o campo da poesia e pode servir de esteio para «uma análise genética», posto que «alguns textos são autênticos palimpsestos».

Os organizadores da coletânea possuem longo percurso na luta contra um cânone que procura acentuar a hegemonia masculina nas letras e nas artes, e o Caderno de poemas inéditos evidencia e estimula a importância de jogar luz numa escritora que foi «expurgada da memória cultural [portuguesa] por mais de meio século» (Alonso, 2015). Se no primeiro estudo introdutório fica evidente o diálogo entre escritores masculinos, chama a atenção, nessa parte da obra, o fato de que alguns poemas manuscritos foram rascunhados originalmente a lápis pela autora, tais como «São

João» (p. 231), «Ao meu amigo Antonio Botto» (p. 233), «Vagueando» (p. 237).

Na parte dedicada à prosa, os estudos introdutórios se dividem em dois textos: o primeiro dedicado ao manuscrito *Da Saudade* e o segundo a conferência *De Mim* e a novela *Satânia*. Acerca do primeiro manuscrito, Silva informa aos leitores que há duas cópias datilografadas e que foi escrito, provavelmente, entre 1922 e 1925. O destaque do pequeno texto se dá no âmbito do conteúdo: a rejeição da saudade, um dos temas caros à cultura e à literatura lusitana. Para Teixeira, a saudade é um mal, uma sombra aliciante e opiente; portanto, é preciso renegá-la. Em oposição a ela, vista como uma jornada triste por meio de um passado que paralisa, urge cantar a vida, que é o dia de hoje, o dia de amanhã. Ao definir a saudade como «a nostalgia das almas dolentes vencidas» parece ficar evidente a adesão da autora ao Futurismo, sem o qual é impossível pensar a modernidade. Modernidade que anseia pelo movimento, que tem sede de luz, ânsia de cor, embriaguez do som, facho incandescentes, raios de sol.

É nesse diapasão que Judith Teixeira será taxativa ao afirmar que «A arte moderna [na qual ela está inserida] é toda manhã e ânsia de futuro». Esta noção de modernidade precisa iluminar o futuro, e assim evitar as horas dolorosas que podem gerar a saudade contemplativa, e por isso paralisante. Essa saudade não pode, segundo Teixeira, ser bela nem para

a vida moderna, nem para a arte moderna. A única forma de lidar com a saudade nos anos 20 daquele Portugal modernista seria por meio da dinâmica dos novos tempos que viram surgir, por exemplo, a rádio telefonia e os aviões como meio de aproximação entre as pessoas e os lugares. A única maneira de aproximar a saudade da luxúria, termo caro na produção juditiana, é aproximar a Saudade da vibração radiosa da luz. Ou nas palavras da escritora: «Deixemos, pois, a Saudade, afogada na radiosa luz do nosso sol.»

No último estudo introdutório, «Judith Teixeira: entre o Modernismo e o Feminino», há que se pôr em revista algumas questões. De certa maneira, ele ilumina os anteriores, seja por apontar pontos de intersecção entre a poesia e a prosa juditiana, seja por afirmar que na prosa encontram-se dois operadores hermenêuticos: a total rejeição dos papéis sociais de gênero, que encaixavam a mulher como sujeito e não agente das demandas sociais e culturais; e o papel do futurismo e do modernismo como vetores para aproximar a literatura portuguesa, passadista, de países como Estados Unidos, Inglaterra e França. Com efeito, se se pensar que a obra da autora foi tecida em um período em que revistas, manifestos e conferências intentavam colocar luz em temas como a massificação do espírito engessado por uma visão burguesa — que entronizava o capital em detrimento dos bens culturais, e que ignorava a questão do corpo feminino, visto como propriedade do homem e

objeto de mercantilização —, notar-se-á que a questão hermenêutica une a poesia e a prosa de Judith Teixeira, urdidas por meio de ideias libertárias e futuristas contra aquela sociedade atrasada, misógina, patriarcal e conservadora que era Portugal no início do século ^{xx}.

Não por acaso, seus dois manifestos, *De mim* e o inédito *Da saudade*, trazem em seu bojo a concretização da luta de forças entre a obra e seu entorno social. Em *De mim*, Teixeira manifesta seu repúdio à apreensão e destruição de sua primeira coletânea de poemas, *Decadência*, e das críticas desabonadoras às obras *Castelo de sombras*, *Nua* e *Poemas de Bizâncio*. Esse mesmo tom de contestação se encontra em *Da saudade* e nas suas novelas, *Satânia* e *Insaciada*. Nessas novelas, a autora, por meio das suas personagens femininas, desenha a luta entre os preceitos sociais e os desejos femininos, tornando-se o corpo feminino um dos temas fundamentais da prosa da autora. Dessa forma, temas como carne e espírito e deveres matrimônios desembocam numa via de mão única. Para uma sociedade patriarcal, ao se casar, o corpo da mulher passa a ser propriedade do marido, e é por isso que para a personagem Maria Margarida a prostituição ultrapassa a ideia de pecaminosa e passa a ser vista de forma autorizada e regulamentada tanto pela sociedade quanto pela igreja. A questão do corpo feminino, presente em *Satânia*, se amplia, e na novela *Insaciada* problematiza a divisão que quer diferenciar os sexos e a forte contestação daquela visão que

enseja ver somente o feminino enquanto elemento passivo. Por meio da personagem José Maria Lencastre, Teixeira ainda expõe outra chaga da cultura portuguesa, que é banir e esquecer socialmente seus artistas: «A miséria de um artista é só interessante contada em novelas românticas e boêmias, ou adivinhada pelos poetas tristes e cinzentos.»

Ao fim e ao cabo, tanto a poesia quanto a prosa de Judith Teixeira parecem tirar a literatura portuguesa de uma espécie de fogo-fátuo, elevando a notas máximas a libertação do corpo da mulher e defendendo o Futurismo e o Modernismo como suportes para se questionar o cânone literário português daquele momento.

A organização e os estudos introdutórios da obra de Judith Teixeira por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva dialogam como o poema que Teixeira endereça ao seu amigo António Botto, «é uma navete de marfim na

qual seda, cetim...» (2015: 230), ajudam a conduzir leitoras e leitores a repensar o papel da autoria feminina, a normatização sociocultural, a misoginia instituída culturalmente e assimetricamente reiterada pelo domínio do homem e da submissão das mulheres.

Em suma, esta obra da grande escritora Judith Teixeira, «Delgada como um fio de retrós», é uma ode ao poder feminino da vida. Graças a essa edição, a obra de Judith Teixeira chegou além-mar, no Brasil, e começa a ser estudada com frequência nas universidades, mérito sobretudo do esforço dos dois organizadores.

Para finalizar, relembremos que a obra se encontra esgotada e que nesse ano de comemoração dos 100 anos da publicação de *Decadência* haverá uma segunda edição revisada, confirmando ser essa a principal edição da obra de Judith Teixeira.